
Identificação e representatividade: Um estudo de caso sobre o vídeo "Opinião sobre Pablo Vittar"¹

Isabela MATTOS²

Otavia CÉ³

Universidade Católica de Pelotas - UCPEL, Pelotas, RS

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo apontar a importância da representatividade e da visibilidade das *drag queens*. Tendo como objeto de estudo a cantora e drag queen Pablo Vittar, no qual foi identificado um discurso de identificação e representatividade perante a comunidade LGBTQ. A problematização será dada a partir de um vídeo no *Youtube* feito pela *drag queen* Lorelay Fox em que é analisado a importância da representatividade da Pablo Vittar na mídia. O trabalho visa mostrar toda a influência da cantora a partir da mídia para conseguir a representatividade da minoria LGBTQ. Conjuntamente, teremos brevemente algumas colocações sobre análise crítica do discurso, para darmos mais sustentabilidade ao que é apontado. Tal análise terá como referencial teórico os estudos de Judith Butler (1990), Guacira Lopes Louro (2006), Norman Fairclough (2001), entre outros.

PALAVRAS-CHAVE: *drag queen*; representatividade; cultura pop

Introdução

Em 2017 tivemos o crescimento da visibilidade LGBTQ no Brasil, sigla denominada para lésbica, gay, bissexual, transgênero e queer e tivemos, principalmente esse crescimento das *drag queens* na música pop brasileira, como é o caso da Pablo Vittar, Lia Clark, Gloria Groove, entre outras. A *drag queen* Pablo Vittar esteve em mais evidência, porque a sua música “Todo Dia” foi hit do carnaval de 2017, esse respectivo videoclipe tornou-se o vídeo original de uma drag queen mais visto no

¹ Trabalho apresentado no do XIX Congresso de Ciências da Comunicação Interdisciplinares da Comunicação na Região Sul, realizado de 31 de maio a 2 de junho de 2018.

² Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda da Universidade Católica de Pelotas. E-mail: ismattos3@hotmail.com

³ Doutora Otávia Alves Cè. Email: otavia.ce@hotmail.com

youtube, segundo o portal de notícias Pheeno.⁴ O videoclipe conta com mais de 8.788.713 visualizações, assim, ultrapassando a drag queen americana RuPaul, que até o momento marcava 8.683.560 visualizações com o videoclipe “Sissi that walk”.

Todo este sucesso trouxe representatividade e visibilidade para muitos membros da comunidade LGBTQ, pois através do sucesso da Pablló Vittar perante a mídia, que obtivemos esses assuntos na televisão, em canais abertos e em horários onde as famílias brasileiras assistem, a imagem da *drag queen* obteve uma quebra de paradigmas perante ao que se via antigamente.

Perante a todo esse sucesso, diversos meios de comunicação colocaram a Pablló Vittar em pauta, assim como a *Youtuber* Lorelay Fox, que através do seu canal intitulado como "Para Tudo" expôs a sua opinião sobre a cantora através do vídeo "Opinião sobre Pablló Vittar" com a descrição: “TUDO O QUE EU PENSO SOBRE O PABLLÓ VITTAR. O que eu acho do fenômeno drag na música brasileira, qual a importância de termos Pablló, Glória Groove, Aretuza, Candy Mel, As Bahias, Liniker, Linn da Quebrada, Lia Clark e tantas outras representantes da nossa comunidade tomando conta da grande mídia.”

A pesquisa está dividida em dois capítulos. O primeiro intitulado como “Gênero e a Teoria Queer”, onde tentamos compreender sobre a teoria de gênero e como a sociedade influencia nessas regras que são impostas pela mesma. Ainda neste, contextualizamos brevemente o seriam as *drag queens*, onde elas estão inseridas e como elas são reconhecidas. Para a construção do capítulo, utilizamos como referencial teórico o material construído por diversos autores, entre eles Judith Butler (2002) e Guacira Lopes Louro (2004).

O segundo capítulo, refere-se a análise do objeto escolhido através do vídeo citado, rapidamente abordamos sobre análise crítica do discurso, sustentado por Norman Fairclough (2001) e Van Dijk (2008) e por fim, são realizadas as considerações finais à análise.

Gênero e a Teoria *Queer*

A teoria *queer* foi desenvolvida no final dos anos 80, e tem os estudos de Judith Butler (2002) como precursores. Em seus postulados, a autora se refere ao gênero como performatividade. Segundo Butler (2002), “o gênero é performativo porque é resultante de um regime que regula as diferenças de gênero. Neste regime os gêneros se dividem e se hierarquizam de forma coercitiva” (p. 64).

Butler (2002) argumenta que a identidade de gênero é uma sequência de atos, ou seja, a teoria entende o termo como a repetição das normas ritualizadas sócio e culturalmente, as quais determinam os sujeitos. Toda representação de qualquer indivíduo em sociedade é resultados dessas repetições. No que tangencia a aceitação perante o patriarcado, a autora alerta que quem ousa se comportar fora destas normas, especialmente no que diz respeito à papéis sociais que determinam o que é masculinidade e o que pertence à feminilidade, conseqüentemente prendendo-se e uma ficção de heterossexualidade normativa e universal, acaba sofrendo conseqüências.

No livro Problemas de Gênero (2002), Butler cita que o gênero não é um

4

<http://pheeno.com.br/2017/03/pablló-vittar-ultrapassa-rupaul-e-se-torna-a-drag-com-o-clipe-original-mais-visto-do-youtube/> (acesso em 14/10/2017)

substantivo estável, mas sim um conjunto de atributos flutuantes, pois vimos que seu efeito substantivo é *performativamente* produzido e imposto pelas práticas reguladoras da coerência do gênero. E, nesse sentido, Butler (2002) afirma, que gênero é sempre um feito, ainda que não seja obra de um sujeito tido como preexistente à obra. Vale ressaltar que é argumentado que há uma distinção entre performance e performatividade, pois o gênero não deve ser identificado como algo teatral, ou como se fosse escolhido ser representado. Ele é uma construção intrínseca do indivíduo, um reflexo da forma como este se expressa perante o mundo.

Assim, podemos observar que desde sempre tentamos impor o gênero a algum indivíduo, como cita Guacira Lopes Louro, a declaração “É uma menina!” ou “É um menino!” também começa uma espécie de “viagem”, ou melhor, instala um processo que, supostamente, deve seguir um determinado rumo ou direção (2004, p. 15). Deste modo, estamos fazendo uma decisão para um corpo, que supostamente só teria características físicas ditas daquele gênero impostas culturalmente, e ao nomeá-lo como menina ou menino, estamos inaugurando um processo de feminilização ou masculinização que o sujeito se compromete a seguir.

Ao analisarmos a teoria *queer* nos permitimos pensar a ambiguidade, a multiplicidade e a fluidez das identidades sexuais e de gênero, mas, além disso, também sugere novas formas de pensar a cultura, o conhecimento, o poder e a educação, declara Guacira Lopes Louro (2004), pois o *queer* é remetido à estranho, raro ou até mesmo extraordinário. Porém, com toda a sua carga de estranheza é visto por algumas vertentes de grupos homossexuais como uma oposição ou até mesmo uma contestação.

O *queer*, para eles, tem uma perspectiva de se posicionar contra a normalização, nas palavras de Guacira Lopes Louro o *queer* representa claramente a diferença que não quer ser assimilada ou tolerada, e, portanto, sua forma de ação é muito mais transgressiva e perturbadora. (2004, p. 39)

Como grande parte do que classificamos como feminino ou masculino vem de algo imposto culturalmente, a determinação dos sujeitos é referida a seu corpo, por isso, Guacira Lopes Louro (2004) declara que

Ao longo dos tempos, os sujeitos vêm sendo indiciados, classificados, ordenados, hierarquizados e definidos pela aparência de seus corpos; a partir dos padrões e referências, das normas, valores e ideais da cultura. Então, os corpos são o que são na cultura. A cor da pele ou dos cabelos; o formato dos olhos, do nariz ou da boca; a presença da vagina ou do pênis; o tamanho das mãos, a redondeza das ancas e dos seios são, sempre, significados culturalmente e é assim que se tornam (ou não) *marcas* de raça, de gênero, de etnia, até mesmo de classe e de nacionalidade (2004, p.77).

Ao longo dos tempos, os sujeitos vêm sendo indiciados, classificados, ordenados, hierarquizados e definidos pela aparência de seus corpos; a partir dos padrões e referências, das normas, valores e ideais da cultura. Então, os corpos são o que são na cultura. A cor da pele ou dos cabelos; o formato dos olhos, do nariz ou da boca; a presença da vagina ou do pênis; o tamanho das mãos, a redondeza das ancas e dos seios são, sempre, significados culturalmente e é assim que se tornam (ou não) *marcas* de raça, de gênero, de etnia, até mesmo de classe e de nacionalidade. (2004,p.77)

Isso reflete que precisamos entender que os corpos estão sendo compreendidos de formas distintas, como o masculino e feminino, porém, isso se modifica tanto historicamente quanto culturalmente. Portanto, tudo isso permite dizer que que “os corpos, na verdade, carregam discursos como parte de seu próprio sangue, como garante Butler (2002).

Então, isso conclui-se que não podemos compreender ou “ler” gêneros e as sexualidades apenas com base nos corpos, pois devemos pensar nas formas de gênero e sexualidade como algo que é transformado culturalmente e historicamente.

Guacira (2004) afirma que ainda que o corpo possa se transformar, ao longo da vida,

espera-se que tal transformação se dê numa direção única e legítima.

1.1 - E onde se encaixam as *drag queens*?

“Todos nós nascemos nus. O resto é drag”, a frase é atribuída à RuPaul Andre Charles, mais conhecido somente como RuPaul, ator, *drag queen*, modelo, autor e cantor americano. RuPaul é conhecido como a rainha das *drag queens*, e obteve esse status através do *reality show* estadunidense *RuPaul's Drag Race*, onde é escolhido em cada edição uma *drag queen* para receber o título de "*America's Next Drag Superstar*".

Se procurarmos a definição de *drag queen* em dicionários, ou internet teremos como exemplo: homem que se veste com roupas extravagantes de mulher e imita voz e trejeitos tipicamente femininos, geralmente apresentando-se como artista em shows. Por muito tempo teve-se como definição que as *drag*⁵ *queens* são artistas performáticos do sexo masculino que, por meio do *crossdress*, interpretam papéis femininos de maneira exagerada e cômica, fazendo uso de roupas que buscam inspiração em fantasias e na alta costura, maquiagens carregadas, perucas e saltos altíssimos. É comum vê-las satirizando e/ou buscando inspiração em artistas de sucesso da cultura pop.

Todavia a visão de Butler (2002) vai além da caricatura, afirmando que a performance das drags brinca com “a distinção entre a anatomia do performista e o gênero que está sendo performado” (2002, p. 237). Ou seja, a autora afirma que ao imitar o gênero, as drags revelam implicitamente “a estrutura imitava do próprio gênero - bem como a sua contingência” (2002, p. 237). Com seus estudos, podemos afirmar que os performativos de gênero não tentam esconder sua genealogia, e sim, acentuá-la. As *drags* repetem performances de gênero diferentemente. No fim, tornando-se mais do que uma simples paródia, versando sobre o caráter performático do gênero, subvertendo a ordem tradicional de papéis sociais.

Guacira Lopes Louro (2004), defende que uma multiplicidade de sinais, códigos e atitudes produzem referências para definir quem é o sujeito. Então, utilizamos de alguns artifícios para gerar expressão social e até mesmo efeitos simbólicos, seja ela uma marcação física como um *piercing*, tatuagem, musculação, ou até mesmo a

⁵ Do original “dressed as a girl” (vestido como uma garota). Atualmente o termo *drag* denota qualquer prática de *crossdress* exagerada, seja praticado tanto por homens quanto por mulheres.

implantação de uma prótese.

Estas marcações, permitem que o sujeito seja reconhecido pela sua identidade, e se sinta parte de um grupo específico, este argumento pode ter o exemplo se colocarmos em evidência o corpo da *drag queen*. A *drag*, ao se “montar” transforma o seu corpo, utiliza das mais variadas técnicas, escolhe minuciosamente sua maquiagem, roupas, sapatos, peruca e etc. E, é neste momento que a *drag* se materializa e passa a existir como personagem, o corpo, no entendimento delas, é fabricado, pois ela intervém, faz o que deseja com ele, modifica conforme o seu gosto.

Deste modo, a modificação não se pretende exclusivamente em se parecer uma mulher, pelo contrário, ela exagera nos traços que são culturalmente convencionais femininos, incluindo marcas corporais e até mesmo comportamentos e vestimentas. E isto, como assegura Guacira (2004), faz o que pode ser compreendido como uma paródia de gênero: ela imita e exagera, aproxima-se, legitima e, ao mesmo tempo, subverte o sujeito que copia. (2004,p.88).

A paródia realizada pela *drag queen*, não se trata de uma imitação para ridicularizar, e sim, uma ironia. Deste modo, a paródia pode ser capaz de fazer com que os códigos ou as marcas daquele que se ironiza, assim expondo para tornar mais evidente a ponto que se possa subvertê-los e criticá-los para desconstruí-los. A paródia, por fim, faz com que nós possamos repensar e até mesmo problematizar a ideia de autenticidade.

Desta forma, a figura da *drag* nos permite refletir sobre gêneros e a sexualidade, pois a *drag queen* repete e subverte o feminino, utilizando e salientando os códigos culturais que marcam esse gênero. (Guacira Lopes Louro, 2004).

Pablo Vittar no olhar de Lorelay Fox

A *drag queen* e também *youtuber* Lorelay Fox, publicou um vídeo⁶ no dia 4 de agosto de 2017, com o título “Opinião sobre PABLLO VITTAR” com a descrição: “TUDO O QUE EU PENSO SOBRE O PABLLO VITTAR. O que eu acho do fenômeno *drag* na música brasileira, qual a importância de termos Pablo, Gloria

⁶ https://www.youtube.com/watch?v=AzE_D5YPP7M (acessado em 10/11/2017)

Groove, Aretuza, Candy Mel, As Bahias, Liniker, Linn da Quebrada, Lia Clark e tantas outras representantes da nossa comunidade tomando conta da grande mídia. Claro também falei o que eu penso do clipe Sua Cara com a Anitta e de várias outras drags cantoras e seus clipes.” O vídeo conta com mais de 344.084 visualizações, 53 mil likes e 2.783 comentários e foi bastante relevante para o receptor refletir à respeito dessas questões.

No vídeo, a *drag queen* questiona o fato de muitas pessoas pedirem para ela expor a sua opinião sobre a Pablló Vittar e ela conclui que seja o fato das pessoas gostarem de ouvir uma *drag queen* falando sobre outra *drag queen*, esperando que haja alguma crítica e de certa forma um prazer em ver membros LGBTQ criticando uns aos outros.

Ela menciona também, que a Pablló Vittar chegou onde nenhuma *drag* conseguiu chegar, como na televisão, em um programa numa emissora bastante engajada e tradicional no seu meio, e o principal motivo da Pablló Vittar estar na televisão que desencadeou a quebra de paradigma, que é estar em um lugar sendo *drag queen*, sem que esse seja o único motivo dela estar nesse local, como a própria cita “Pablló estava na televisão não porque ele era uma drag, mas porque ele é um cantor e aí que começa o que eu quero chamar de nova fase das drags no Brasil, quando a gente começa a dominar os espaços não só pela nossa capacidade de chocar as pessoas porque a gente é um menino de peruca, mas pelo nosso real talento”.

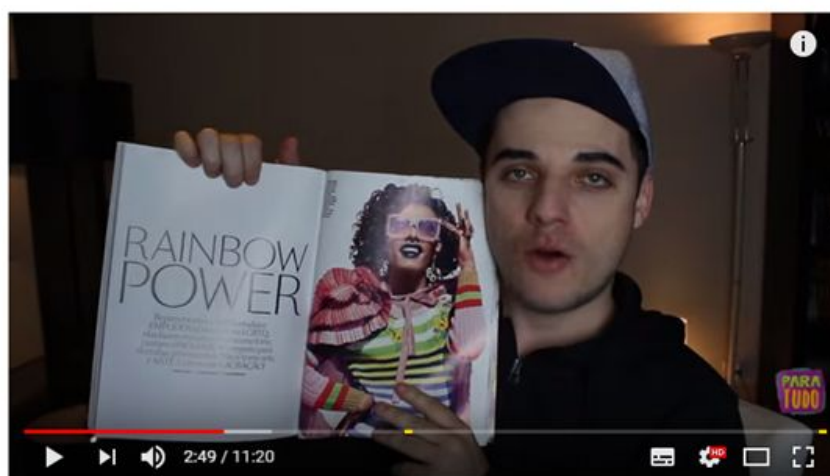


Fonte: Youtube.

Além disso, a Lorelay Fox menciona a importância da representatividade para muitos jovens LGBTQ, fazendo relação quando ela era jovem e não tinha em quem se inspirar, assim, tornando mais difícil o fato de ser membro da comunidade LGBTQ, como a mesma aponta “se eu fosse adolescente agora, fosse um menino novinho agora,

gay e LGBT e eu visse alguém sendo famoso, alguém sendo aceito na televisão, no rádio, sendo igual a mim, sendo uma pessoa de gueto, sendo uma pessoa numa posição inferiorizada, marginalizada e de minoria, eu ia pensar “mano, o mundo tem espaço pra mim sim” uma coisa que na minha geração não tinha, a gente nunca teve esses heróis”. Essa frase mostra quanto as pessoas precisam se identificar com outra, pois como Arendt (2000) aponta “o homem necessita da referência do outro para comprovar sua própria realidade” (p.48) principalmente porque a primeiro instante a identificação é aparente e depois acaba indo para a personalidade. Outro fato interessante citado no vídeo é a revista Vogue, que é a revista feminina de moda mais importante, conceituada e influente desde 1892. E no mês de agosto, a revista continha uma reportagem intitulada como “Rainbow Power” que se tratava de cantoras transexuais, *drag queens*, travestis e não binárias, mas esse não era o foco da reportagem e sim suas músicas que falam sobre respeito, inclusão e representatividade.

Desta forma podemos perceber a mudança da mídia perante aos membros da comunidade LGBTQ, pois além de terem visibilidade, eles passaram a ser reconhecidos pelas suas respectivas profissões e não apenas por serem LGBTQ.



Opinião sobre PABLO VITTAR - Lorelay Fox

Fonte: Youtube.

Antes dessas pessoas era algo utópico imaginar que diversas minorias estariam em uma revista com o porte da Vogue, inclusive, a Lorelay Fox ressalta que a revista não deixou de ser padrão e elitizada, pois ainda contém uma mulher branca e magérrima na capa, mas mesmo assim contém uma matéria consideravelmente grande sobre pessoas inseridas na comunidade LGBTQ. Ao destacar a revista, a youtuber questiona o interlocutor “E quando é que você jovenzinho LGBT já pode sonhar na sua vida que você podia aparecer na página de uma revista Vogue? Nunca! Nunca antes dessas pessoas que estão aí, cantando, quer você queira que elas cantem bem, quer você diga que elas cantem mal” com esse discurso, ela faz um apelo para a real necessidade de se ter representantes LGBTQ na mídia.



Fonte: vogue.globo.com

Por conta de muitos ataques que a Pabllo Vittar vem sofrendo por membros da comunidade LGBTQ, um tópico bastante falado pela Lorelay Fox é o fato que não devemos apenas nos importar com a qualidade da voz da cantora, mas sim como tudo que ela vem representando e agregando ao movimento, como na frase citada pela mesma anteriormente.

O pedido que se acentua no vídeo é que os gostos pessoais não podem anular a representatividade que a Pablla Vittar está trazendo, principalmente por estar em diversos lugares em que muitos membros da comunidade LGBTQ não podem ser representados.

Ao analisarmos o discurso verbal das drag queens, o mesmo traz uma diferenciação, uma nova maneira de se expressar, assim como cita Van Dijk (2008) “o discurso pode ser, antes de tudo, uma forma de discriminação verbal”(p.134). Nesse caso, o discurso é uma forma de expressão e significação deste movimento, pois é através deste discurso que a drag queen mostra a sua personalidade.

Quando considerarmos alguns anos atrás, o que lembraremos sobre drag queen são apenas homens vestidos de mulheres, cheios de plumas e paetês que não fazem nada além de sátiras. Drag queen era apenas relacionado ao humor e na maioria das vezes ela era a própria piada ou até mesmo o deboche, extremamente colorida e com a bandeira do movimento LGBTQ estampada em todo momento. As drags eram vistas em geral como pessoas da noite, assim como as transexuais, marginalizadas e esquecidas pela sociedade. Eram consideradas algo muito distante da realidade social, como se fosse quase impossível sair na rua pela manhã e encontrar uma drag queen num espaço comum e utilizado por todos, na mídia principalmente, não havia nenhuma drag que ocupasse um espaço diferente do humorístico, ou que aparecesse em alguma manchete por conta de outro talento.

Atualmente, as drag queens foram reconhecidas através da mídia, ou seja, a mídia por ser um suporte de difusão da informação capaz de distribuir mensagens por meios de comunicação como o rádio, cinema, televisão, imprensa entre outros. Isso, gerou uma certa curiosidade sobre as drag queens, levantando uma questão muito importante que é a representatividade, pois a drag queen estar nesses meios extremamente tradicionais e sendo abordada por seus diversos talentos e não apenas o humorístico mostra a importância do acesso das minorias a essas mídias, principalmente pela grande quebra de paradigmas que isso gera.

Estar na mídia é uma forma de existir e dizer que as drags existem sim e precisam ser representadas e não ganhar espaço apenas como chacota ou como humorista ao

extremo, mas sim com as suas diversidades, seus diversos nichos, como cantoras, dançarinas, atrizes, dubladora se outras diversas formas de ser drag, serem reconhecidas acima de tudo, como artistas.

A mídia, por ser considerada influente para muitas pessoas na nossa sociedade, ela tem o poder de ditar o que é certo ou o que é errado, por isso, quando uma drag queen começa a fazer parte deste meio, é como se ela passasse a existir, ou até mesmo ser aceita nos ambientes mais tradicionais.

Um dos maiores exemplos de representatividade na mídia é o *reality show RuPaul's Drag Race* onde as drags participantes são desafiadas a mostrarem seus diversos talentos, seja dublando, costurando ou até mesmo atuando. E mesmo que hoje o transformismo ainda seja visto com preconceito, isso não impediu o sucesso do reality e das drags participantes, inclusive ele foi considerado de tamanha importância para muitas drags que ainda não haviam se descoberto, o reality mostrou a humanização das drag queens, a partir do programa elas puderam ver que também podiam ter seu personagem e mostrar sua personalidade através do ato de ser drag.

Em 1994, tivemos a estréia do filme *Priscilla A Rainha do Deserto*, que foi um marco para a comunidade LGBTQ, o longa foi considerado uma desopressão do preconceito que membros da comunidade LGBTQ enfrentavam na década de 80, com o surgimento e a epidemia da AIDS.

O filme foi considerado quase como uma revolução, e foi de muita importância para quem se identificava com as drag queens e com o movimento.

Por tanto, essa representatividade e identificação com as supostas celebridades da mídia é extremamente importante, porque essa identificação causa um certo alívio para o ser humano, já que quando nos identificamos com algo ou alguém, sentimos que fazemos parte de alguma coisa, e isso é ainda mais importante quando fazemos partes de minorias, pois na maior parte das vezes elas não são representadas. Essa identificação gera o pertencimento a um determinado grupo e de acordo com Follmamm (2001), o termo identidade pode ser definido como resultado da tentativa da busca pela coerência lógica das experiências vividas e aquilo que se tem como objetivo.

“Identidade é o conjunto, em processo, de traços resultantes da interação entre os

sujeitos, diferenciando-se e considerados diferentes uns dos outros ou assemelhando-se e considerado semelhantes uns aos outros, e carregando em si as trajetórias vividas por esses sujeitos, em nível individual e coletivo e na interação entre os dois, os motivos pelos quais eles são movidos (às suas maneiras de agir, a intensidade da adesão e o senso estratégico de que são portadores) em função de seus diferentes projetos, individuais e coletivos. (FOLLMAMM, 2001, p. 59).” Conseqüentemente, para qualquer grupo minoritário, essa identidade e identificação seja com uma diva pop ou até mesmo em grupos dentro de uma sociedade, como cita Sylia Novaes (1993), é apenas contraditoriamente afirmar-se na sua diferença.

Considerações finais

O presente trabalho se propôs a analisar a forma pela qual é dada a importância da representatividade das *drag queens*. Decidimos investigar a relevância dessa representatividade através da *drag queen* Pablio Vittar, tendo como objeto de estudo o vídeo da *drag queen* e *youtuber* Lorelay Fox, que é bastante influente em seu meio, expressando a sua opinião sobre a cantora.

Durante a realização deste trabalho, expusemos o referencial teórico com o objetivo de construir um embasamento teórico sólido para a realização da análise, conceituando principalmente gênero, teoria queer e o que de fato, seriam as *drag queens*.

Para a proposta de análise, temos o vídeo da *youtuber* Lorelay Fox, onde ela cita a importância de valorizar e apoiar as *drag queens* que estão fazendo sucesso perante a mídia.

Do mesmo modo, fizemos algumas referências sobre o discurso verbal das *drag queens*, referente à análise do discurso, apresentando também alguns conceitos sobre identificação.

Dessa forma, concluímos que a representatividade é muito importante para mostrarmos toda a diversidade existente em nossa sociedade e que sim, ela faz diferença para a identificação do ser humano, e, principalmente porque quando o indivíduo se afirma como LGBTQ, ou como qualquer outra minoria, ele se torna mais potente

politicamente, deixando de ser “invisível” para a sociedade, assim, podendo lutar pelos seus direitos e políticas de igualdade.

É imprescindível negar que através da Pablio Vittar, o movimento LGBTQ está presente em diversos lugares em que nunca esteve, dessa forma, é de extrema importância termos a reflexão de que o ideal seja que um dia não seja necessário essa representação, e que as minorias existam em todos os lugares.

Referências bibliográficas

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero - Feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2002.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho – ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. 1. ed. 1. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e Mudança Social**, Brasília, EDU – UNB, 2001.

FOLLMAMM, J.Ivo. **Identidade Como Conceito**. Ciências Sociais UNISINOS, São Leopoldo, nº 158, v 37, 43 – 6, 1º semestre/ 2001.

HORKHEIMER, Max & ADORNO, Theodor. **A indústria cultural: o iluminismo como mistificação de massas**. Pp. 169 a 214. In: LIMA, Luiz Costa. Teoria da cultura de massa. São Paulo: Paz e Terra, 2002. 364p.

Opinião sobre Pablio Vittar - Lorelay Fox

<https://www.youtube.com/watch?v=AzE_D5YPP7M> acesso em 10/11/2017.